A CASA-GRANDE DA FAZENDA TESOURA, Município DE FRANCISCO DANTAS, RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL

THE TESOURA FARMHOUSE, MUNICIPALITY OF FRANCISCO DANTAS, RIO GRANDE DO NORTE, BRAZIL

Alano Jaciguara Dantas de Alencar Martins[i]

Jean Carlos Vieira de Souza[ii]

Stela Gláucia Alves Barthel[iii]

Valdeci dos Santos Junior[vi]

Resumo Este estudo analisa a casa-grande da Fazenda Tesoura (1883), patrimônio arquitetônico localizado no município de Francisco Dantas, Rio Grande do Norte, Brasil. A pesquisa adota a grafia contemporânea "Tesoura", divergindo da forma histórica "Thesoura" registrada em documentos do século XIX. O edifício destaca-se por sua volumetria singular e estado de incompletude, mantido desde sua construção. Através de uma abordagem interdisciplinar que integra métodos da História da Arquitetura e Arqueologia da Paisagem, o estudo revela a importância deste exemplar do patrimônio rural nordestino. Apesar de seu valor histórico-arquitetônico como marco regional, constata-se a ausência de qualquer forma de proteção patrimonial nos âmbitos municipal ou estadual. Os resultados evidenciam a necessidade de políticas de preservação para este bem cultural, que representa um testemunho material dos processos de ocupação e desenvolvimento rural no semiárido nordestino no final do século XIX. **Palavras-Chave:** Arqueologia da Arquitetura. Pesquisa Interdisciplinar. Preservação.

Abstract: This study analyzes the main house of the Tesoura Farm (1883), an architectural heritage site located in the municipality of Francisco Dantas, Rio Grande do Norte, Brazil. The research adopts the contemporary spelling "Tesoura", diverging from the historical form "Thesoura" recorded in 19th century documents. The building stands out for its unique volume and state of incompleteness, maintained since its construction. Through an interdisciplinary approach that integrates methods from the History of Architecture and Landscape Archaeology, the study reveals the importance of this example of the rural heritage of the Northeast. Despite its historical-architectural value as a regional landmark, it is clear that there is no form of heritage protection at the municipal or state levels. The results highlight the need for preservation policies for this cultural asset, which represents a material testimony of the processes of occupation and rural development in the semiarid Northeast in the late 19th century. **Keywords**: Architectural Archaeology; Interdisciplinary Research; Preservation.

[i] Arqueólogo, Mestre em Geografia. E-mail: alanodantas@gmail.com

[ii] Engenheiro Agrônomo. E-mail: jcdesenhosprojetos@gmail.com

[iii] Arquiteta, Mestre e Doutora em Arqueologia e Conservação do Patrimônio. E-mail: stelagbarthel@gmail.com

iv Historiador, Mestre e Doutor em Arqueologia e Conservação do Patrimônio. E-mail: valdecisantosjr@hotmail.com

Introdução

Segundo Lynch (1997, p. 88), marcos são pontos de referência, cuja principal característica é a singularidade, algo que seja memorável em um contexto, sendo facilmente reconhecível, podendo criar um contraste visível com o entorno, além de servir como orientação para as pessoas, sejam elas moradoras do local ou visitantes. Marcos são elementos físicos e a escala é variável. A importância deles corresponde à escolha dos caminhos a serem tomados, os trajetos a serem feitos, o direcionamento. Nesse sentido, a casa-grande da Fazenda Tesoura, no município de Francisco Dantas, no Rio Grande do Norte, se configura como um verdadeiro marco para o município, destacando-se na paisagem da área rural.

Neste artigo, a abordagem da Arqueologia da Arquitetura permite que o edifício conte sua história, como parte intrínseca da cultura material da sociedade em que ele se insere. O edifício é visto como uma narrativa e, ao mesmo tempo, como um artefato, que fornece informações para futuros restauros (Santos; Buco; Beserra, 2017).

A análise também se baseia na obra de Vasconcellos (1979), por meio de pontos específicos do edifício, como a tipologia e o partido adotado, o estilo arquitetônico empregado, o sistema construtivo, a estrutura e as vedações, os materiais de construção e de revestimento, bem como os ornamentos, a cobertura, os pisos, os forros, os vãos (portas, janelas e aberturas), os armários, as alterações ocorridas ao longo do tempo etc.

A casa-grande da Fazenda Tesoura, localizada no município de Francisco Dantas, Zona do Semiárido do estado do Rio Grande do Norte, completa cento e quarenta e um anos em 2024. O edifício chama a atenção pela volumetria e serve de referência para os habitantes e visitantes. Tem influências do estilo neoclássico já tardio que, no Brasil, foi identificado com o período imperial. A construção é singela, feita com mão de obra local e com materiais de construção facilmente encontrados no entorno. A despeito disto, ela se destaca na paisagem, embora não tenha sido concluída, mesmo tendo passado por diferentes proprietários ao longo do tempo. Nota-se no edifício uma intenção de se fazer algo mais elaborado que, no entanto, não foi adiante, e os motivos são incertos, talvez por falta de mão de obra qualificada, talvez por falta de recursos, mas talvez por causa de uma tragédia que causou o abandono da propriedade e o declínio do edifício.

A pesquisa feita para este trabalho se apoia em relatos orais, por meio de entrevistas feitas por um dos autores, Alano Martins, em aproximadamente duas décadas, registradas em vídeos, nas cidades de Pau dos Ferros, Martins e Francisco Dantas, no estado do Rio Grande do Norte, com pessoas que tiveram alguma ligação com a casa-grande da Fazenda Tesoura, moradores ou trabalhadores.

Não existem documentos arquitetônicos sobre o edifício em órgãos públicos, como plantas baixas, cortes e elevações, mas tal levantamento foi feito recentemente e o registro fotográfico foi realizado ao longo dos anos por um dos autores, que herdou alguns documentos da família, como escrituras e certidões de cartórios de cidades vizinhas e uma caderneta da esposa do primeiro proprietário, o Sr. Melchisedech (a grafia antiga registra o nome com a letra “Z”, Melchizedech), com informações e datas, que permitiram entender um pouco do cotidiano da Fazenda Tesoura e da construção do edifício, além de reformas e acréscimos.

O Município de Francisco Dantas

Localizado na região do Alto Oeste Potiguar, no estado do Rio Grande do Norte (Nordeste brasileiro), o município de Francisco Dantas apresenta características climáticas típicas do bioma Caatinga, com predominância do clima semiárido (BSh, segundo Köppen-Geiger). A sede municipal situa-se a 392 km em linha reta da capital, Natal. Segundo estimativas recentes do IBGE (2024), o município possui uma população de 2.836 habitantes, distribuídos em uma área territorial de aproximadamente 181,6 km², resultando em uma densidade demográfica de 15,6 hab/km². Esses indicadores posicionam Francisco Dantas entre os municípios de menor porte populacional do estado (Figura 1).

O primeiro núcleo populacional, denominado Tesoura, deriva sua toponímia da conformação hidrográfica local. O Riacho do Curtume apresenta uma bifurcação característica, formando o Riacho do Saco (também referido como Saco Grande ou Tesoura), cuja configuração fluvial remete morfologicamente ao instrumento cortante homônimo. Esta feição geomorfológica é complementada pela presença do Açude Tesoura em suas proximidades, consolidando a nomenclatura no contexto hidrográfico regional. A persistência do topônimo atesta a relação simbiótica entre a ocupação humana e os elementos fisiográficos na organização do espaço geográfico (Figura 2).

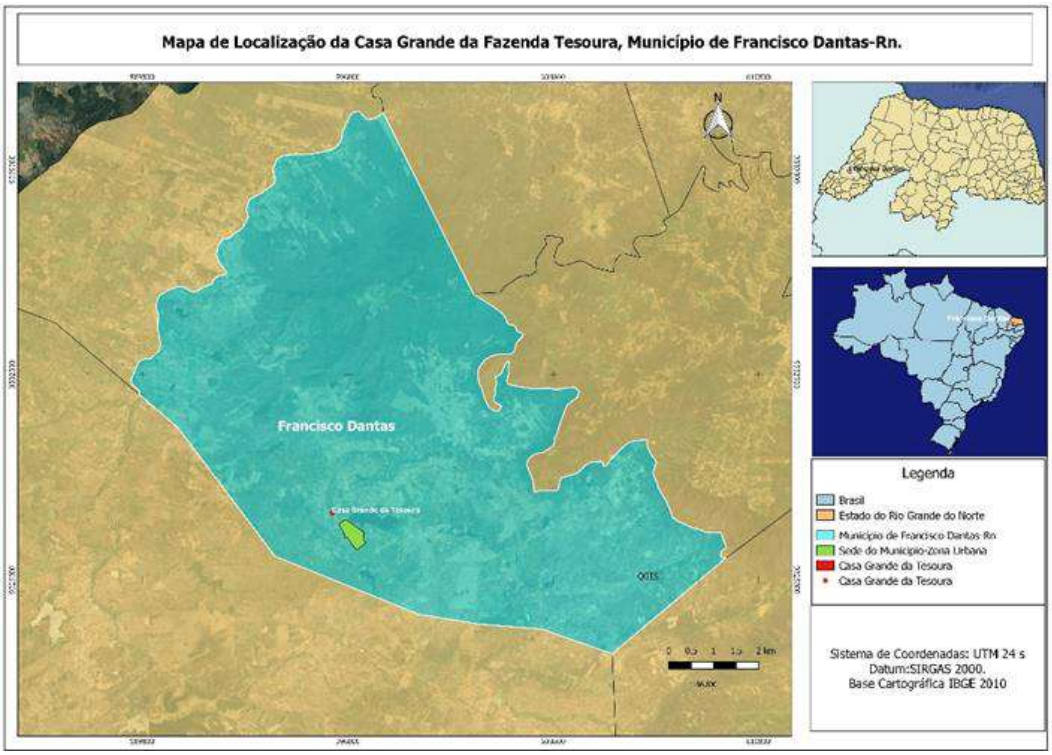


Figura 1: Mapas do município de Francisco Dantas em relação ao estado do Rio Grande do Norte e ao Brasil. Fonte: Governo do RN, modificado por Arqueoambiente, 2024.

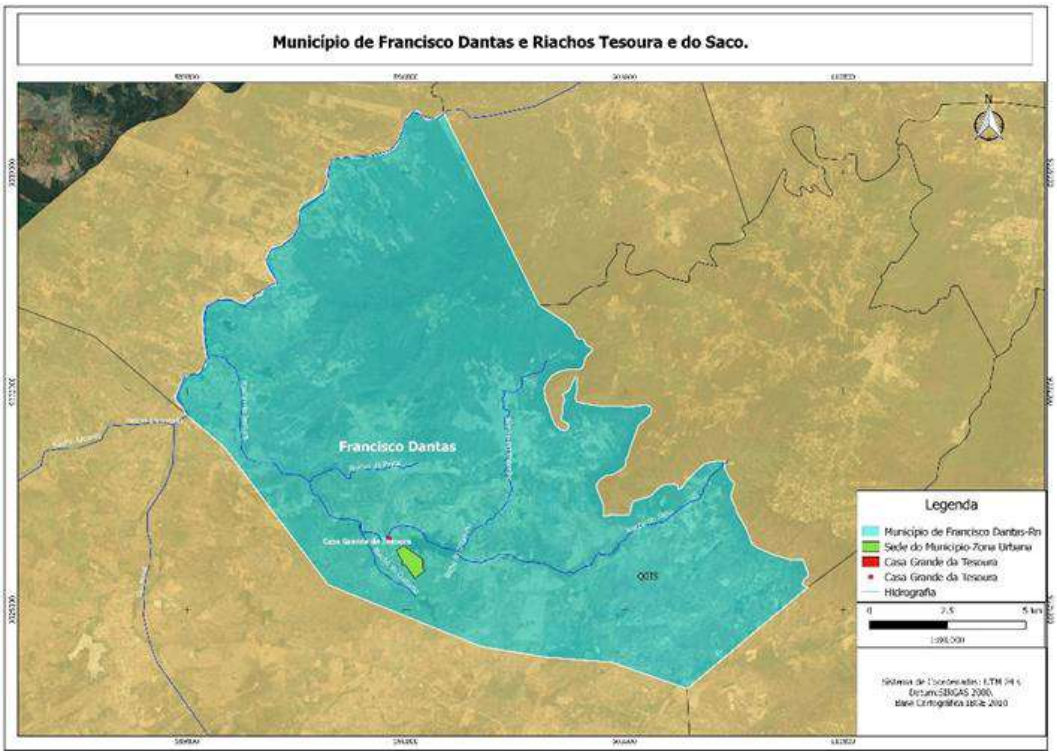


Figura 2: Município de Francisco Dantas e Riachos Tesoura e do Saco. Fonte: IBGE, modificado por Arqueoambiente, 2023.

Este povoado foi desmembrado do município de Portalegre pela Lei Estadual nº. 59, de 21-12-1953. Em 1963, foi elevado à categoria de município com a denominação de Francisco Dantas, pela Lei Estadual nº. 2856, de 26-03-1963. O homenageado, Francisco Dantas de Araújo, foi prefeito e fazendeiro, bastante influente na região (dados do Portal do Governo do RN). Há uma praça na cidade com o seu busto.

A Fazenda Tesoura

A Fazenda Tesoura foi o primeiro núcleo de povoamento do atual município de Francisco Dantas, citada em documentos antigos desde 1779, embora a casa-grande, provavelmente, tenha sido construída mais de um século depois, pelo menos no formato que chegou aos dias atuais. Ela continuou sendo importante e tendo relevância durante o século XIX e até as primeiras décadas do século XX. A fazenda tinha plantações de milho e feijão e criação de gado, funcionando ainda hoje como tal.

A estrada RN-177 liga os municípios de Pau dos Ferros e Francisco Dantas ao município de Portalegre e passa a 400 m da casa-grande da Fazenda Tesoura, apresentando um grande fluxo de veículos de carga pesada atualmente. Daquela estrada principal, deriva um caminho de terra que leva direto à casa-grande. Existia ainda um antigo caminho que ligava o município de Pau dos Ferros à comunidade conhecida como Engenho, onde se fabricava rapadura, que fica a cerca de 4 km da propriedade e passa perto da Fazenda Tesoura, que era então um ponto de referência importante para moradores, comboieiros, feirantes e toda sorte de viajantes, que costumavam descansar sob as árvores do terreiro, para se refazerem da caminhada (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Vista aérea da Fazenda Tesoura. Fonte: Google Earth, modificada por Arqueoambiente, 2024.

Figura 4: Casa-grande da Fazenda Tesoura. Fonte: Alano Martins, 2001.

Fontes Orais

Entre os moradores mais antigos do município de Francisco Dantas, eram comuns os relatos sobre a Fazenda Tesoura, seus habitantes e trabalhadores. Esses depoimentos se encontram gravados em vídeo.

a- Depoimento da Sra. Maria Aurélia Morais de Paiva:

Gravado na cidade de Pau dos Ferros-RN, no ano de 1998, quando ela tinha sessenta e oito anos de idade. Era filha de um dos proprietários e viveu a infância e parte da juventude na casa-grande da Fazenda Tesoura. Segundo o seu relato, o pai costumava dizer que a casa-grande havia sido feita para um casamento e que foi finalizada para a celebração dessas núpcias. Curiosamente, quando os noivos se aproximavam da casa a cavalo, eram colocadas as últimas telhas. Seu construtor, o Coronel Antônio Manoel de Oliveira Martins, edificou a casa, na qual foi celebrado o casamento de seu filho, Melchisedech de Oliveira Martins Fernandes, com a sua prima, Maria Evarista de Oliveira Martins (Figura 5). Mas como há relatos sobre a existência de uma casa na Fazenda Tesoura anterior a 1883, data oficial da construção da casa-grande. Sendo a casa que chegou aos dias atuais, pode ter sido construída realmente em 1883, havendo então uma outra casa, ou pode ter sido ampliada nesta data, por causa do casamento.

A B C

Figura 5: Coronel Antônio Martins, Melchisedech Martins e Maria Evarista Martins. Fonte: Acervo Alano Martins.

b- Depoimento do Sr. Vicente Praxedes:

Gravado na cidade de Francisco Dantas-RN, em 1999, quando ele tinha noventa e um anos de idade. Lembrou que seu avô comentava que, durante a construção da casa-grande, os trabalhadores que faziam tijolos e telhas na olaria tinham sempre uma bacia com queijo e

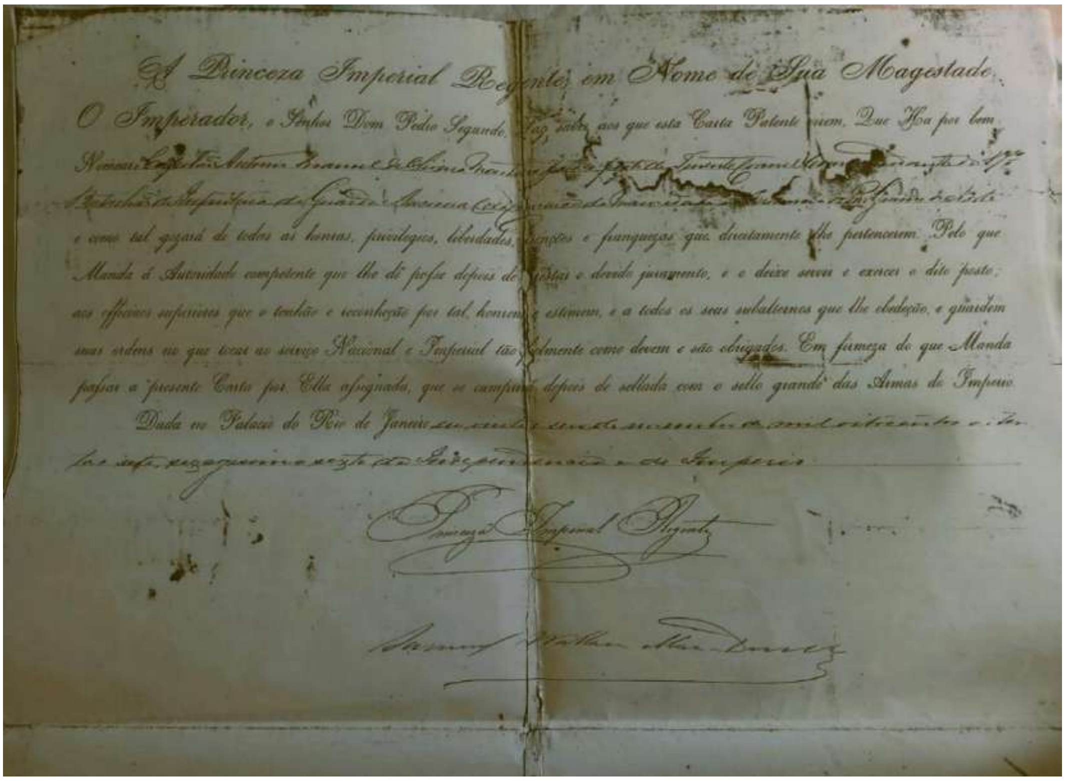
rapadura para se alimentarem durante as tarefas. Nas suas palavras, eles se alimentavam bem, graças à generosidade dos proprietários, que "era um povo muito generoso". Seu depoimento esclareceu que tijolos e telhas foram fabricados *in loco.* Havia uma lagoa situada a aproximadamente 100 m ao sul da casa-grande, onde estava localizada a olaria, que hoje já não existe. Foram realizadas buscas na área durante a pesquisa, mas não há vestígios aparentes.

c- Depoimento do Sr. Francisco Gama Filho:

Gravado na cidade de Francisco Dantas-RN, em 2010, quando ele tinha sessenta e sete anos. Este senhor é o atual proprietário da casa-grande da Fazenda Tesoura e é genro do Sr. Francisco de Assis Morais, que foi também proprietário. Ele informou sobre o barreiro e sobre o processo de amassar o barro para a fabricação dos tijolos, em que teria sido usada uma junta de bois, e para a retirada do barro amassado e um couro de boi. Em conversas recentes, foi dada a informação de que a referida lagoa, onde os tijolos foram fabricados, já passou por diversos processos que envolveram movimentação de solo, com máquinas, para a construção de diques, feitos com paredes de argila, para aumentar a capacidade de armazenamento dela. Possivelmente essas atividades fizeram desaparecer os locais que outrora serviram para fabricar os tijolos.

O Coronel Antônio Manoel de Oliveira Martins, construtor da casa-grande, se destacou como um importante político, não só na região, mas em todo o Estado do Rio Grande do Norte. Foi deputado provincial por mais de uma legislatura, sendo uma delas no período Imperial, entre 1888 e 1889 (Cascudo, 1972). Foi agricultor, criador e suplente de juiz municipal na cidade de Portalegre. Ao receber da cidade de Maioridade (depois chamada de Imperatriz e atual cidade de Martins, desde 1890), que era uma das suas bases eleitorais, junto com a cidade de Portalegre, um pedido de ajuda para enfrentar o cangaceiro Jesuíno Brilhante em 31 de agosto de 1876, organizou uma força de paisanos, mas o bando de cangaceiros conseguiu escapar (Lima, 1995).

Como era costume entre os proprietários de terra naquele tempo, o coronel residia em Portalegre e passava o inverno na Fazenda Tesoura. Para ir às reuniões da Assembleia, enfrentava a falta de transportes e estradas ruins, viajando vários dias a cavalo para chegar à capital (Natal). Foi nomeado pela Princesa Imperial Isabel para a patente de Tenente-Coronel da Guarda Nacional da Comarca de Maioridade, em 26 de novembro de 1887. Prestou juramento e tomou posse em 16 de agosto de 1888 (Martins, 2023) (Figura 6).



A Princeza Imperial Regente em Nome de Sua Magestade
O Imperador, o Senhor Dom Pedro Segundo, Faz saber aos que esta Carta Patente virem, Que Ha por bem
Nomear [illegible]
[illegible]
e como tal gozará de todas as honras, privilegios, liberdades, isenções e franquezas que directamente lhe pertencerem. Pelo que
Manda á Autoridade competente que lhe dê posse depois de prestar o devido juramento, e o deixe servir e exercer o dito posto;
aos officiaes superiores que o tenhão e reconheção por tal, honrem e estimem, e a todos os seus subalternos que lhe obedeção, e guardem
suas ordens no que tocar ao serviço Nacional e Imperial tão fielmente como devem e são obrigados. Em firmeza do que Manda
passar a presente Carta por Ella assignada, que se cumprirá depois de sellada com o sello grande das Armas do Imperio.
Dada no Palacio do Rio de Janeiro [illegible]
Princeza Imperial Regente

Figura 6: Manuscrito assinado pela Princesa Isabel. Fonte: Acervo Edgar Martins de Paiva (bisneto do Coronel Antônio Martins).

O coronel participou ativamente como líder no processo de libertação dos escravos de Portalegre, que culminou com a emancipação total deles, em 8 de abril de 1888, antecipando, portanto, a Abolição da Escravatura, em 13 de maio do mesmo ano, com a Lei Áurea assinada pela Princesa Regente Isabel. Faleceu em 6 de abril de 1908, já com idade avançada, na cidade de Martins, onde está sepultado. A família numerosa teve outros membros que se destacaram como políticos na região, como seu filho Rodolpho Fernandes de Oliveira Martins, prefeito de Mossoró, que defendeu aquela cidade do ataque do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Entre seus netos, Joaquim Inácio Filho foi senador da República e Antônio Martins foi deputado federal e prefeito de Portalegre em 1953.

Fontes Documentais

Maria Evarista de Oliveira Martins possuía uma caderneta, na qual costumava anotar os eventos importantes de sua vida, como o casamento com o primo Melchisedech, o nascimento e o local dos batizados dos filhos etc., entre outros eventos. Esse foi um dos documentos usados no trabalho. O outro foi um exemplar de registro de terras, datado de 1883, em que o Coronel

Antônio Martins listou os bens referentes às suas propriedades, a Fazenda Tesoura e a Fazenda Sacramento, contígua à esta, também citada na caderneta de Maria Evarista. Ele possuía outros bens, em outras localidades, mas este documento trata apenas das duas fazendas. Havia ainda uma certidão datada de 1881 do cartório do município de Imperatriz, que havia se chamado antes de Maioridade, atual município de Martins.

a- Caderneta com anotações da Sra. Maria Evarista de Oliveira Martins:

A caderneta havia sido fotocopiada pelo autor citado, Alano Martins, antes de ele herdá-la, quando ainda estava íntegra. Quando ela finalmente veio para as suas mãos, havia pedaços faltando, que foram refeitos com as partes fotocopiadas. Um dos textos dizia: "Cazei-me com Melchizedec no dia 1º. de dezembro de 1883, em hum dia de sábado. Foi celebrado o casamento pelo Padre Bernardino José de Queiroz, na Fazenda Thesoura, em caza de tio Antônio Martins. Melchizedech tinha 26 (rasurado) anos de idade. Eu tinha entrado nos 21 anos. Maria Evarista de Oliveira" (*Sic*) (Figura 7).

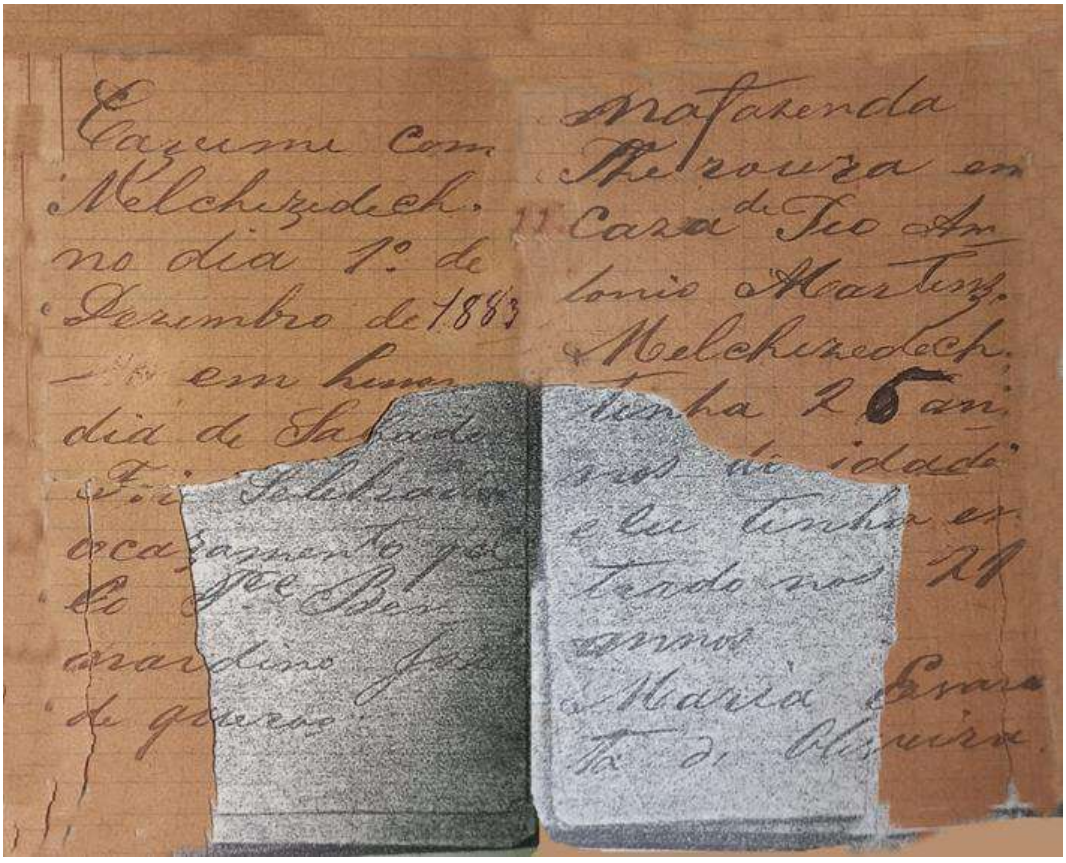


Figura 7: Caderneta de anotações de Maria Evarista de Oliveira Martins no ano de 1883. Fonte: Acervo Alano Martins.

Revista Noctua – Arqueologia e Patrimônio
https://doi.org/10.26892/noctua.v1i10p85-114

Entre os anos de 1885 e 1904, Maria Evarista registrou também o nascimento e o batizado dos onze filhos, frutos do casamento com Melchisedech. Os nascidos entre os anos de 1885 e 1896 foram batizados na cidade de Pau dos Ferros. José, nascido em 1896, foi batizado na Fazenda Sacramento. A partir do ano de 1899, os últimos três registros mostram que os filhos foram batizados na cidade de Martins e o batizado de Pedro, nascido em 1902, foi na Fazenda Caeira, que fica no município de Riacho da Cruz. A família deve ter residido na Fazenda Tesoura entre 1885 e 1895 e depois do ano de 1896, passou a residir na Fazenda Caeira.

b- Petição do Cartório do município de Imperatriz de 1883:

Feita pelo próprio Coronel Antônio Martins, datada de 8 de março de 1883, ao juiz de Imperatriz, o peticionário solicita:

> Mande que o escrivão de órfãos, revendo os autos do inventário a que procedeo por esse juízo nos bens deixados por sua mãe Isabel Maria de Jesus lhe dê por certidão o quanto lhe tocou na casa da Thesoura no termo de Portalegre [...] (Antônio Manoel de Oliveira Martins, 1883) (*Sic*).

O tabelião público judicial e escrivão de órfãos, João Vito de Castro, emite certidão em 5 de abril do mesmo ano, respondendo à petição, na qual consta:

> [...] em dando busca no inventário de partilha dos bens deixados por Dona Isabel Maria de Jesus nele deparei com o pagamento ao herdeiro Antônio Manoel de Oliveira Martins a que lhe coube em *terras e casa coube uma parte na casa do lugar* Thesoura da quantia de cinquenta e seis mil cento e vinte cinco réis = digo mais nas terras do sítio Thesoura a quantia de cinco mil réis [...] (Cartório de Martins-RN, 1883) (*Sic)*.

Observa-se que, como a morte de Isabel Maria de Jesus foi anterior ao ano de 1883, constava uma casa na Fazenda Tesoura, que estava na petição e posterior certidão do tabelião como herança para o herdeiro, Antônio Manoel de Oliveira Martins. A casa-grande poderia ter sido construída antes e ampliada nesta data, pois há um acréscimo de telhado, em meia-água, feito com o mesmo tipo de tijolos e telhas da casa-grande, onde hoje se encontram a cozinha, a despensa e o depósito. Na caderneta de Maria Evarista consta que ela se casou na casa do seu tio Antônio Martins, na Fazenda Tesoura. A casa poderia ter sido dada ao casal de presente de casamento e ampliada por este motivo.

c- Exemplar de Registro de Terras de Antônio Manoel de Oliveira Martins:

Nesse documento, fotocopiado pelo autor citado, Alano Martins, que pertence hoje ao bisneto do Coronel Antônio Manoel de Oliveira Martins, Sr. Edgar Martins de Paiva, datado de 3 de julho de 1896, estão listados os bens imóveis existentes em vários lugares. No documento consta:

> Uma parte na data da Thesoura e sítio do mesmo nome no valor de (100 $ 000) havida por herança de sua mãe D. Isabel Maria de Jesus, assim mais seis partes na Fazenda Sacramento, sendo duas partes havida por compra a Bento Alexandre Nunes e sua mulher Maria Maciel no valor de (150 $ 000), uma parte havida por compra a Dona Anna Clara Maria de Jesus no valor de (14 $ 500), uma parte havida por compra a Manoel Rodrigues de Carvalho e sua mulher Balbina Gomes de Oliveira no valor de (250 $ 000), uma parte havida por compra a Manoel Rodrigues da Silva e sua mulher Isabel Maria de Jesus no valor de (58 $ 000) (Antônio Manoel de Oliveira Martins) (*Sic).*

O Coronel Antônio Martins herdou a casa da mãe quando ela morreu. O documento apenas reforça o documento anterior (petição e certidão do cartório do município de Imperatriz, de 1883), no qual consta a casa da Fazenda Tesoura, já citada na documentação oficial, como herança para o herdeiro, Antônio Manoel de Oliveira Martins.

Fontes Arqueológicas

Por meio da abordagem da Arqueologia da Arquitetura e por causa da ausência de plantas originais e desenhos técnicos, que pudessem servir de parâmetro para a análise do edifício, foram também utilizadas as fontes orais, conseguidas através de depoimentos gravados em vídeo, alguns com pessoas já citadas. Por meio deles, puderam ser feitas inferências acerca da construção e das modificações ao longo do tempo.

a- Depoimento do Sr. Pedro Chaves:

Obtido na cidade de Francisco Dantas, em 1998, quando ele tinha oitenta e cinco anos. Relata que, originalmente, a casa-grande foi erguida, mas não teve aplicado um acabamento em reboco em toda a extensão. Este só foi acrescentado pelo segundo proprietário, Sr. Francisco de Assis Morais, que teria feito o acabamento da frente da casa-grande (Fachada Sul) e da Fachada Oeste.

b- Depoimento do Sr. Francisco Gama Filho:

Obtido na cidade de Francisco Dantas, em 2010, quando ele tinha sessenta e sete anos. É o atual proprietário da Fazenda Tesoura, herdada do seu sogro. O trabalho de reboco foi realizado pelo pedreiro José Garcia, cuja informação ouviu de seu sogro, Sr. Francisco de Assis Morais, proprietário anterior da Fazenda Tesoura. Corrobora essa informação o acabamento mais grosseiro, quase tosco, se comparado aos detalhes ornamentais existentes nas fachadas Leste e Norte e os originais, que ainda são visíveis na Fachada Sul. A calçada teria sido acrescentada também pelo seu sogro e ele, Sr. Francisco reformou em tempos mais recentes. Outro elemento

acrescentado à fachada por este atual proprietário foi o acabamento em "chapisco[1]", que foi aplicado em forma de barra, na porção inferior da Fachada Leste.

Tipologia

A casa-grande da Fazenda Tesoura tem o partido condizente com as casas-grandes de antigos engenhos e fazendas das áreas rurais do Brasil. Apesar de nunca ter sido concluída, é um marco do município, pela volumetria, com um alto telhado em duas águas, com telhas cerâmicas do tipo capa-canal, feitas *in loco,* e grandes empenas, com o emprego de tijolos manuais, também feitos *in loco*.

A altura do edifício chega a 10,16 m, apesar de ser térreo, mas com a presença de um sótão, e está assentado sobre uma plataforma de 1 m, com uma escada de acesso com três degraus na parte da frente, na Fachada Leste, e na Fachada Sul, uma rampa na primeira e outra escada com dois degraus na segunda porta. Os beirais estão quase apoiados nas paredes, são ínfimos. Nota-se um acréscimo na Fachada Leste, que está inacabada, em que foi colocado um telhado em meia-água, já referido e, mais recentemente, foi anexado um estábulo, com cocheiras para os animais, na Fachada Oeste (Figura 8).

Como citado, tem influências tardias do estilo Neoclássico, apresentando arcos plenos nas aberturas e a presença de capiteis, embora sem colunas ou pilares, nas portas e janelas das fachadas Sul e Leste e em uma porta da Fachada Oeste. Há ainda frisos, feitos em estuque, e, nas quinas, ornamentos também em estuque sobre falsos pilares (Figura 9).

[1] Acabamento em forma de cimento liquefeito com areia, que pode ser grossa ou fina, muito utilizado para revestir muros ou paredes, especialmente onde existem problemas de infiltrações ou umidade.

Figura 8: Fachada Sul. Fonte: Alano Martins, 2024.

Figura 9: A. Fachada Leste e; B. porta da Fachada Oeste. Fonte: Alano Martins, 2024.

Sistema construtivo

Alvenaria de tijolos com argamassa de barro, para a estrutura, com paredes estruturais, que são também as vedações, com 1 m de espessura e para os alicerces. O edifício está assentado sobre uma plataforma de alvenaria de tijolos, com 1 m de altura, que faz as vezes de calçada.

Em relação aos tijolos utilizados, feitos no local, eles possuíam as dimensões de 6 cm x 12 cm x 35 cm, que correspondem às medidas de altura, largura e comprimento, respectivamente (Figura 10). É interessante notar que, em vários tijolos, é possível observar marcas de dedos,

deixadas durante o processo de fabricação, ou seja, antes do processo de queima. É possível observar também o desgaste deles.

Figura 10: Tijolos com marcas de dedos. Fonte: Alano Martins, 2023.

Muros

Muros são estruturas autônomas. Há um muro que foi refeito com restos dos tijolos da antiga cozinha e área de serviço, que ruiu, cujos vestígios estão aparentes, medindo 3,5 m X 3,5 m, totalizando 12, 5 m^2 de área, e um antigo pátio interno, existente ainda hoje, que dava para a sala de jantar, como se fosse um pequeno quintal murado, com área de 20m x 10 m, totalizando 200 m^2.

Figura 11: Muro com reaproveitamento de material e antigo pátio. Fonte: Alano Martins, 2024.

Cobertura

A planta de cobertura a seguir mostra o pátio interno existente. Não foi empregado o sistema de tesouras para o telhado. O madeiramento consiste em linhas, caibros e ripas, onde são apoiadas as telhas. A empena é a parte superior triangular das paredes que chegam até a

cumeeira, o ponto mais alto da edificação (Figura 12). O telhado original tem duas águas e há um acréscimo de um telhado em meia-água, feito posteriormente. Em relação ao material utilizado, observa-se que ele está intacto, apesar de ser centenário.

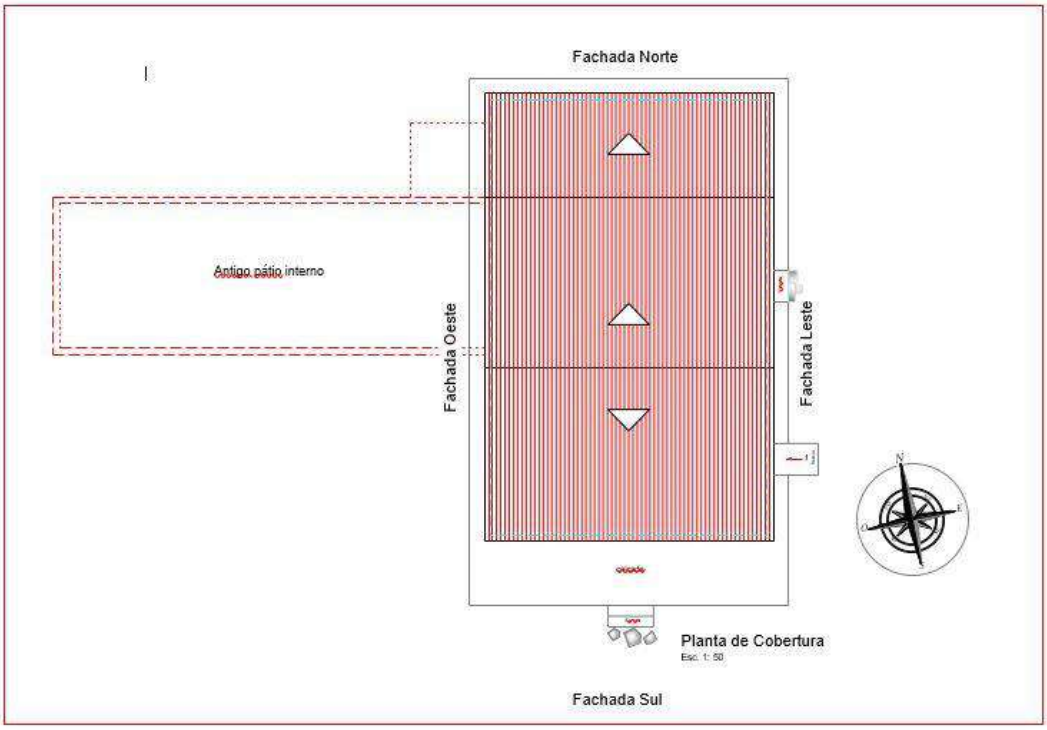


Figura 12: Planta Esquemática da Cobertura. Fonte: Arqueoambiente, 2024.

O atual proprietário[2], Sr. Francisco Gama Filho, citado anteriormente, observa que raramente precisou substituir alguma ripa, apenas quando danificada pela ação de cupins. A duração do material empregado, ele atribui à boa qualidade da madeira, o Cedro Vermelho[3] (*Cedrela fissilis, Vell*), não sendo necessária a presença de forros (Figura 13).

Em relação à tipologia dos materiais empregados na construção da casa-grande, fato relevante é que, dentre as telhas cerâmicas do tipo capa-canal, foram encontrados dois exemplares assinados por Melchisedech Fernandes de Oliveira Martins e datados de 21 de setembro de 1883, data anterior ao seu casamento com Maria Evarista em 1º de dezembro deste mesmo ano (Figura 14).

2 Depoimento obtido em Francisco Dantas-RN, em 2010.
3 De acordo com Braga (1976), o Cedro Vermelho era bastante utilizado por ser boa madeira para marcenaria, tabuados, portas, esquadrias, forros, e por sua resistência, era o predileto para móveis, portadas e até para os tradicionais caixões de armazenar farinha, arroz e rapadura, comuns no sertão, em épocas passadas.

Figura 13: Madeiramento do telhado. Fonte: Alano Martins, 2024.

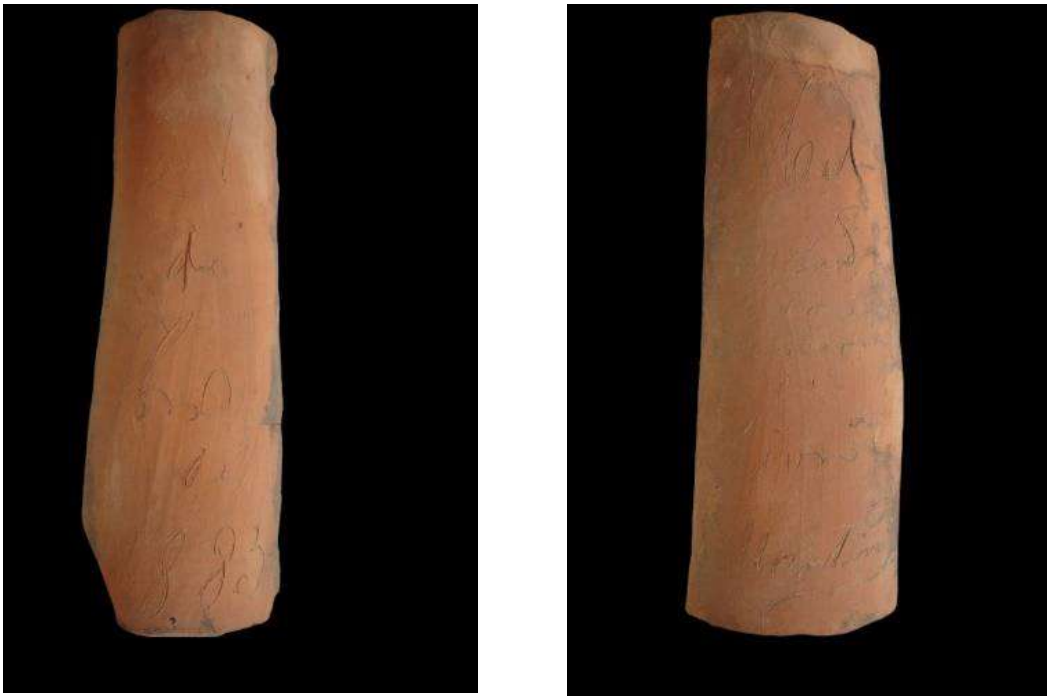


Figura 14: Telhas datadas de 21 de setembro de 1883, assinadas por Melchisedech Fernandes de Oliveira Martins. Fonte: Alano Martins, 2024.

A planta baixa do edifício mostra nove compartimentos e uma pequena circulação, com área total de 286, 53 m^2. As paredes estruturais são espessas, com cerca de 1 m. A área de trás, que é o acréscimo, consta atualmente de uma cozinha (sem balcão de pia), com dois armários antigos, despensa e depósito, com a presença de dois caritós, que são nichos rústicos, que permitem que as pessoas se sentem e fazem as vezes de prateleiras, presentes em casas sertanejas.

Figura 15: Antigos armários da cozinha. Fonte: Alano Martins, 2024.

Os cômodos da casa-grande, sem o acréscimo, são a sala de jantar, a sala de estar, dois quartos acessados através da circulação, mas também por meio de duas outras salas. Provavelmente, algumas destas atuais salas foram originalmente quartos. Existem ainda os antigos armadores de rede, distribuídos por vários destes cômodos (Figuras 16 e 17).

Figura 16: Antigos armadores de rede. Fonte: Alano Martins, 2024.

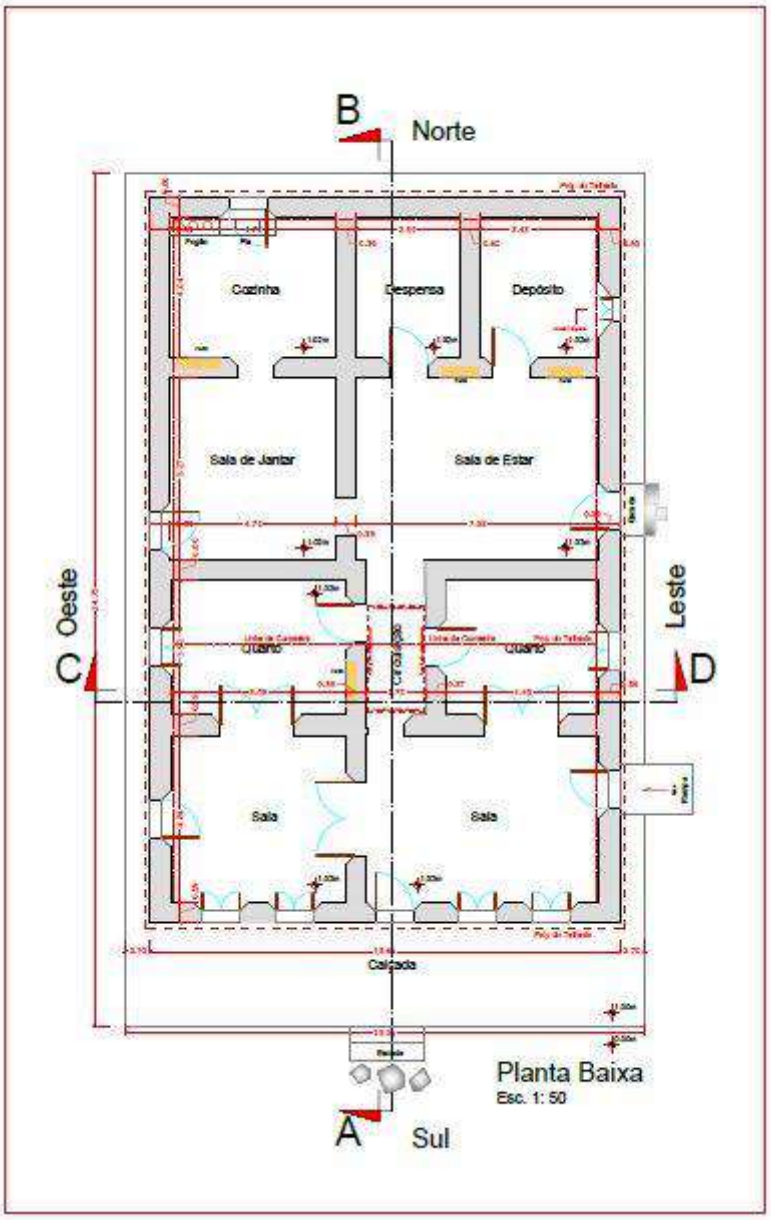


Figura 17: Planta baixa esquemática. Fonte: Arqueoambiente, 2024.

Pisos

Hoje a maior parte do piso da casa-grande consiste em cimento queimado, mas ainda existe em dois compartimentos da edificação o piso original, no corredor e na sala de estar, feito em ladrilho cerâmico ou tijoleira, retangular e de cor clara, com as dimensões de 5 cm x 15 cm x 24 cm, que correspondem às medidas de altura, largura e comprimento, respectivamente. Como o material se desgasta facilmente com o uso, foi substituído em grande parte (Figura 18).

Figura 18: Piso original de ladrilho cerâmico. Fonte: Alano Martins, 2024.

Há ainda um depósito suspenso localizado sobre a pequena circulação, no sótão, com medidas de 3,00 m X 1,76 m X 1,03 m, respectivamente comprimento, largura e altura (Figuras 19, 20 e 21).

A B

Figura 19: A. Depósito suspenso; e B. detalhe da viga do corredor. Fonte: Alano Martins, 2024.

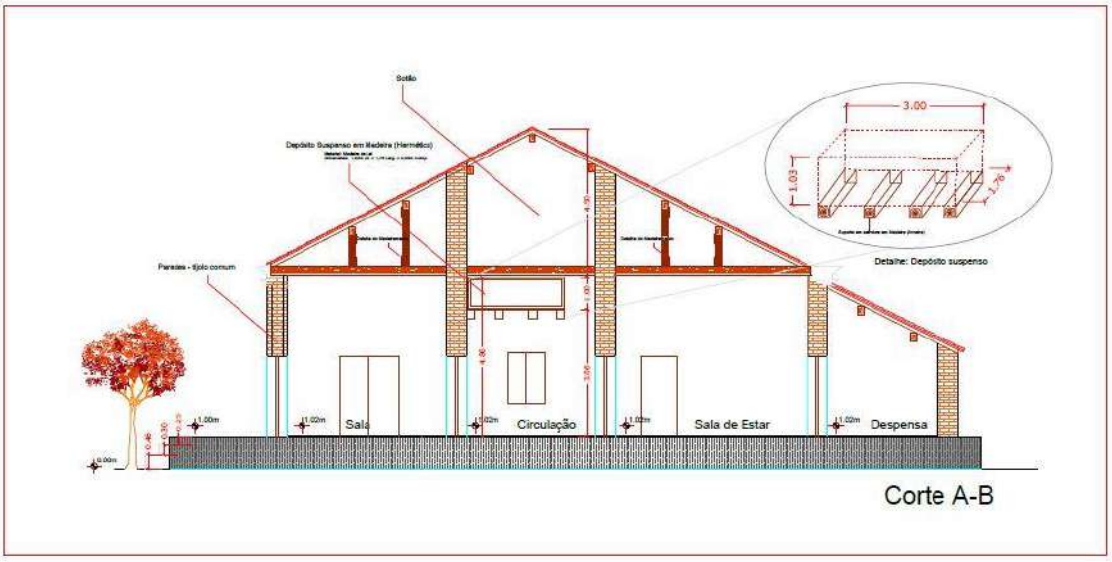


Figura 20: Corte esquemático A-B e detalhe do depósito suspenso. Fonte: Arqueoambiente, 2024.

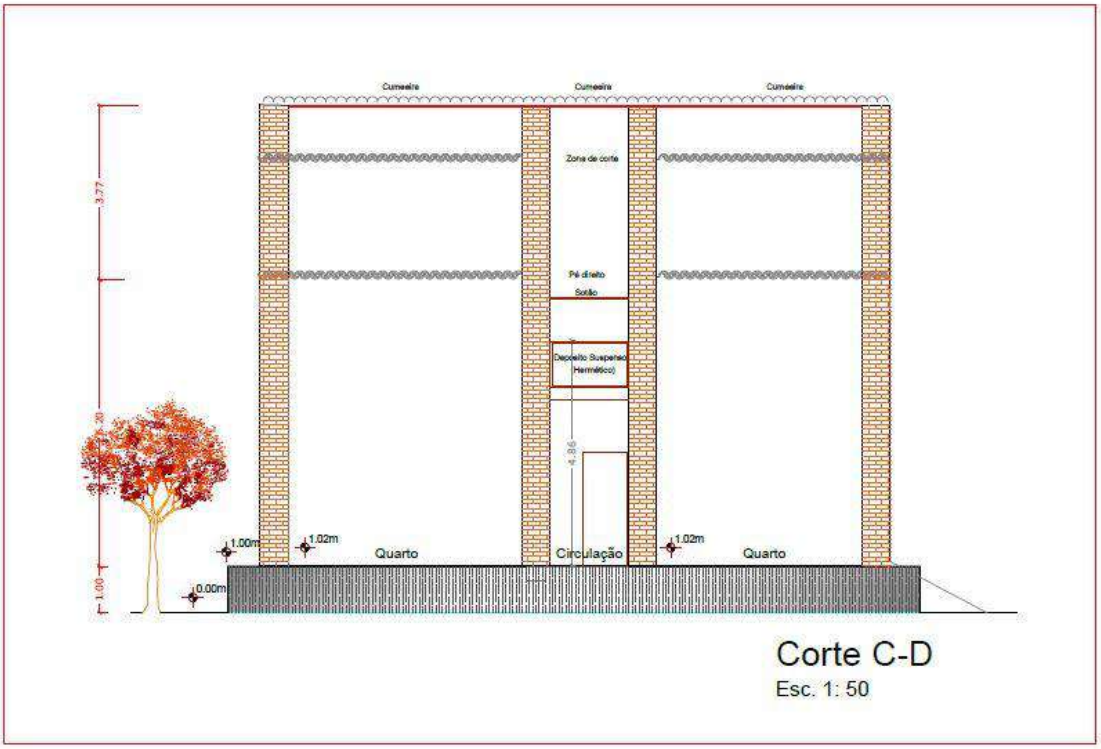


Figura 21: Corte esquemático C-D. Fonte: Arqueoambiente, 2024.

Não existe um compartimento para o banheiro e não há água encanada. Pode ter existido uma alcova, onde as necessidades fisiológicas eram feitas, provavelmente com o uso de um móvel chamado de lavabo, onde se guardava um urinol com tampa dentro de uma prateleira com porta, e havia um tampo sobre este móvel, com uma bacia e um jarro grande com água. Segundo os relatos, os banhos eram tomados no riacho próximo.

Fachadas

A Fachada Sul apresenta uma porta, que é a entrada principal da casa-grande, e quatro janelas. Há reboco e elementos ornamentais, como frisos e molduras em arco pleno nas janelas e na porta, com um arremedo de capitéis. Há uma faixa de chapisco, na altura do início das janelas, que sobressai da parede e, nas quinas, há uma espécie de base. Ainda nas quinas, aparecem saliências, feitas de estuque, revestindo falsos pilares, e há também arremedos de capitéis. A escada, citada anteriormente, é composta por três degraus, sendo o primeiro deles em pedra, que se encontra rachado. Esta fachada está atualmente pintada na cor rosa (Figuras 22 e 23).

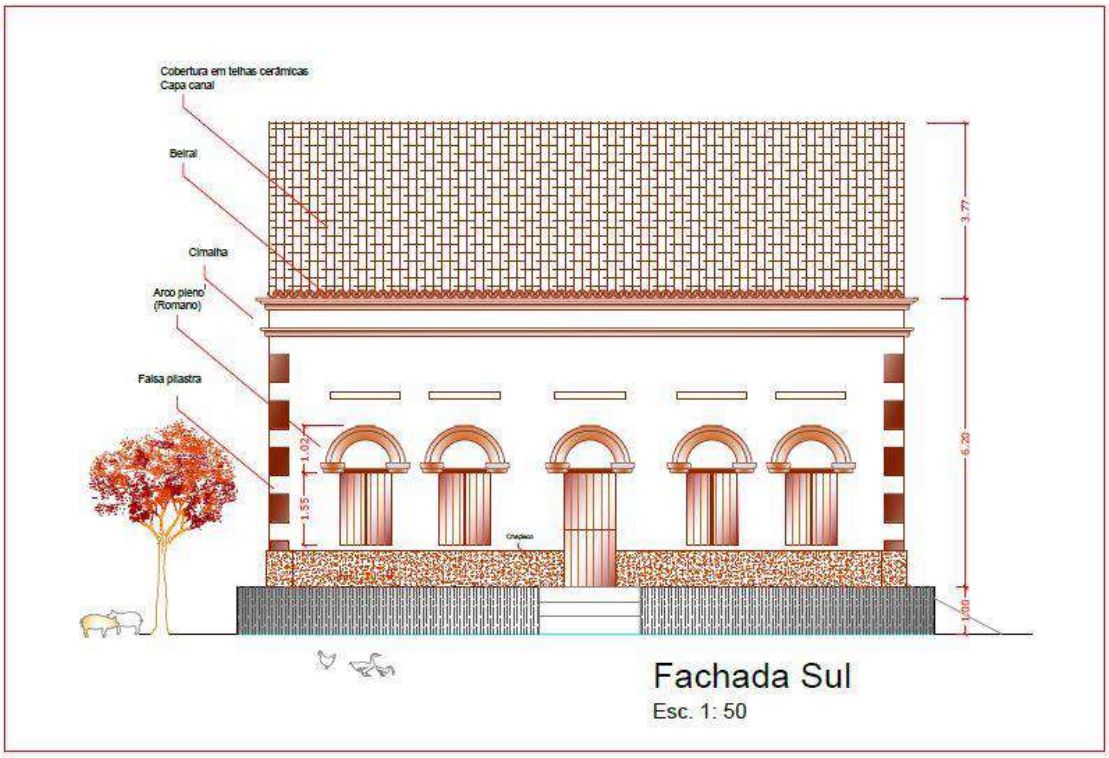


Figura 22: Elevação esquemática - Fachada Leste. Fonte: Arqueoambiente, 2024.

Figura 23: Fachada Sul e escada frontal. Fonte: Alano Martins, 2024.

https://doi.org/10.26892/noctua.v1i10p85-114

A Fachada Sul não tem reboco, mas nota-se uma faixa reforçada com argamassa, que vai do piso da calçada até a metade das portas e o acréscimo de novos aposentos, com o telhado em meia-água. Na empena, nota-se um conserto, uma espécie de remendo, e é possível ver o detalhe da cornija. Nesta fachada, há três portas e uma janela, que são originais da casa primitiva, com as molduras em arcos plenos. Na primeira porta, há uma rampa; na segunda, um degrau feito na calçada. No acréscimo, há uma janela simples, de uma folha, em réguas de madeira (Figura 24).

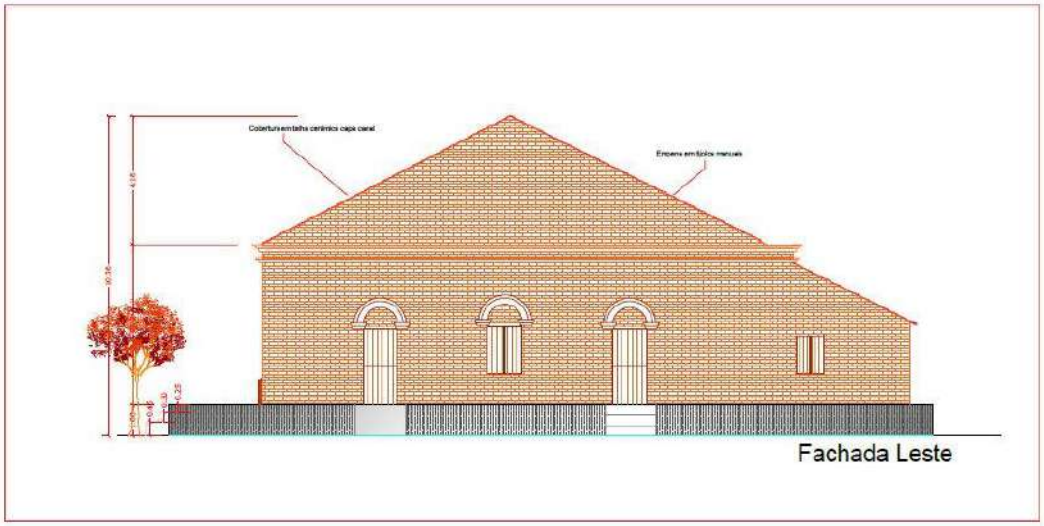


Figura 24: Elevação - Fachada Sul. Fonte: Arqueoambiente, 2024.

Figura 25: Fachada Sul e detalhe do conserto na empena. Fonte: Alano Martins, 2024.

Nota-se um capitel, sem o apoio de pilastra ou coluna, feito de tijolos e estuque, inserido entre a cimalha da Fachada Sul. Algo que ficou inacabado (Figura 26).

Figura 26: Fachada Sul e detalhe do capitel. Fonte: Alano Martins, 2024.

Na Fachada Oeste, que foi rebocada e se encontra pintada de branco, há apenas uma porta de madeira, que é da cozinha atual. Na foto a seguir, nota-se o telhado em meia-água, colocado sob o telhado original (Figura 27).

Figura 27: Fachadas Sul e Oeste. Fonte: Alano Martins, 2024.

Na Fachada Norte, há duas portas, uma delas com a moldura em arco pleno, igual à da Fachada Leste, que corresponde a uma das salas da frente, a menor, separada do resto da fachada pelo

estábulo; a outra de verga reta, correspondente à sala de jantar, e uma janela de verga reta, correspondente a um dos quartos. Esta fachada está rebocada e encontra-se pintada de branco (Figura 28).

Figura 28: A. Fachadas Norte e B. Leste e Fachada Norte por trás do estábulo. Fonte: Alano Martins, 2024.

Portas

Ao todo, são seis portas, do tipo saia e blusa, conhecidas como portas holandesas, com duas partes independentes uma da outra, feitas em réguas de madeira, de verga reta, comuns em casas de cidades do interior. Esse tipo de porta permite um maior controle sobre animais e crianças, além de proporcionar ventilação aos cômodos, sendo abertas para dentro (Instacasa, 2022). As soleiras das portas são de madeira (Figura 29).

Figura 29: Porta da Fachada Leste, com o sistema de abertura. Fonte: Alano Martins, 2024.

Dessas seis portas, cinco têm acabamento com duas voltas de moldura em arco pleno, que criam tímpanos sobre elas. O tímpano é uma superfície emoldurada de forma triangular ou em arco de círculo, colocado sobre portas e janelas, como é o caso. Acima desses arcos, foram colocados frisos, que se repetem na cornija. São feitos em tijolos manuais e há capitéis, nos quais os arcos se apoiam, mas sem colunas ou pilares, feitos em estuque, um tipo de argamassa que adquire dureza com o passar do tempo, feita geralmente com gesso ou cal e areia fina (Figura 30). O gesso, não foi empregado, pois não é adequado para áreas externas. Pode-se misturar ainda o pó de mármore (Albernaz; Lima, 2003). Na porta da fachada sul, as molduras em arco pleno estão sem reboco. Nota-se que uma faixa a partir do chão foi reforçada com argamassa, talvez por problemas de umidade. Na Fachada Oeste, por ser acréscimo, a porta não tem este acabamento, mas é do mesmo tipo das outras cinco.

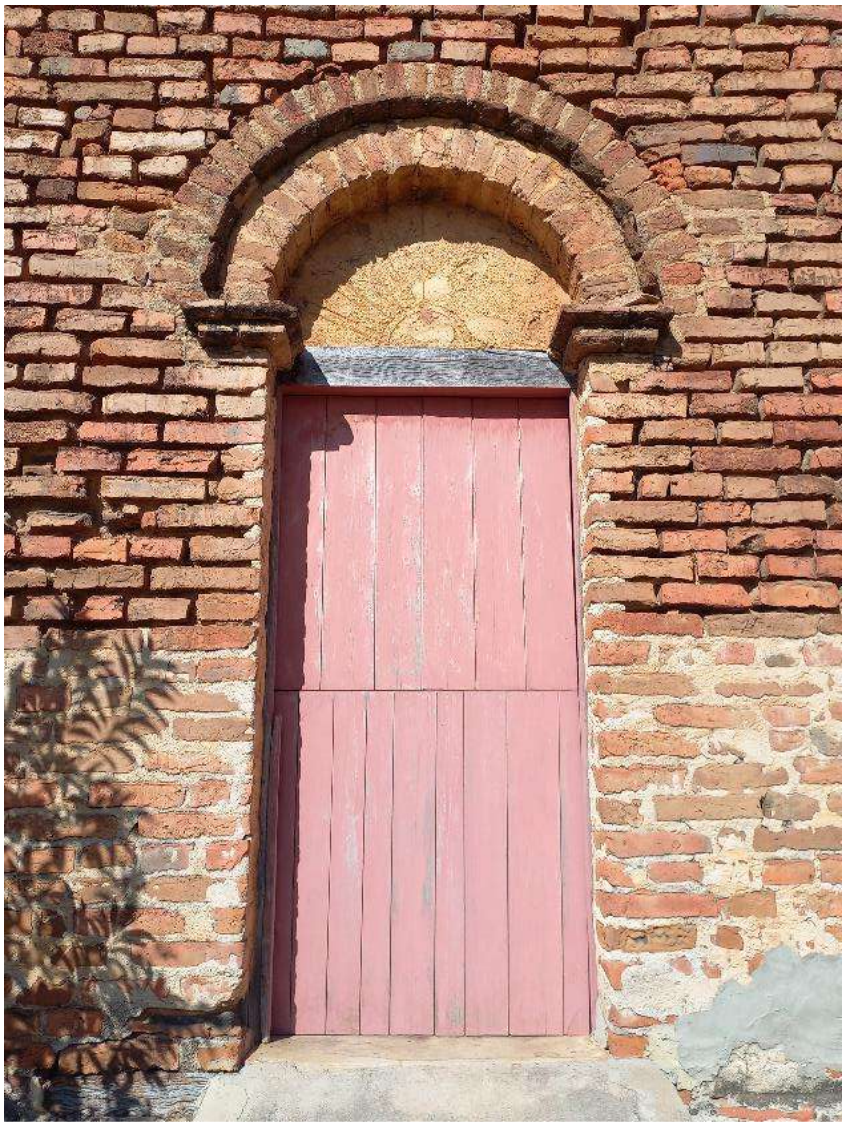


Figura 30: Porta da Fachada Sul. Fonte: Alano Martins, 2024.

Janelas

São sete janelas, cinco das quais têm formato igual, com arcos plenos em volta dupla, criando tímpanos, e sobre eles, foram colocados frisos, iguais às portas. Os acabamentos são pouco elaborados (Figuras 31 e 32). As outras duas janelas são em folha única, em réguas de madeira. Todas abrem para dentro.

A B

Figura 31: Janela da Fachada Leste, A. exterior e B. interior. Fonte: Alano Martins, 2024.

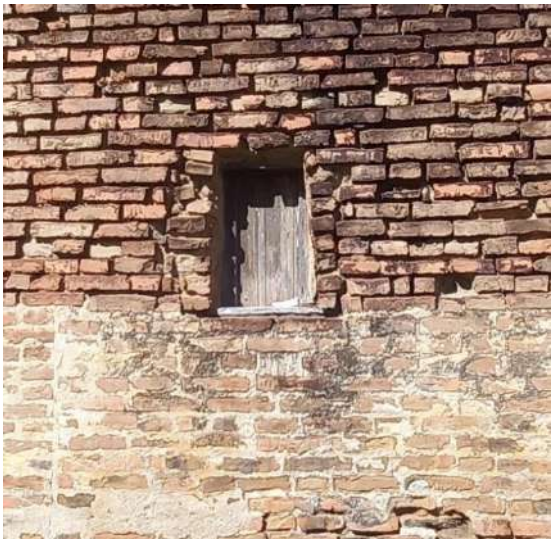


Figura 32: Janela da Fachada Sul na área de acréscimo. Fonte: Alano Martins, 2024.

Ferragens

Algumas ferragens antigas, de antigas fechaduras, foram encontradas no local, ainda servindo para trancar as portas e porteiras (Figura 33). As duas primeiras são do século XIX e imagens semelhantes são encontradas em *sites* de leilão no Brasil.

Figura 33: Antigas fechaduras. Fonte: Alano Martins, 2024.

Considerações

Acredita-se que a perda da importância nos períodos mais recentes da Fazenda Tesoura se deu por algumas razões: a família, que por longos anos foi a proprietária, mudou-se para o outro lado da Serra de Portalegre, fixando residência na Fazenda Caeira. Os relatos apontam a morte da esposa de um antigo proprietário, provavelmente o coronel Antônio Manoel de Oliveira Martins. Essa história sobre o passado da casa-grande foi relatada pela Sra. Francisca Morais de Aquino e foi gravada em vídeo no ano de 1993, na cidade de Pau dos Ferros, quando ela tinha setenta e três anos de idade.

A esposa do proprietário, na lida cotidiana de uma propriedade rural, havia fabricado queijos e depois fora banhar-se no Riacho da Tesoura, que corria por trás da casa-grande. Neste momento, teria tido um mal súbito e morrido. Foi encontrada já sem vida por um vaqueiro que estava trabalhando, cuidando do gado. Essa era uma explicação comum entre antigos moradores do município para justificar o abandono da casa-grande pelos antigos proprietários.

Não se conseguiu a resposta por meio destes relatos. A Sra. Maria Evarista, esposa do Sr. Melchisedech faleceu em Mossoró-RN, em 1932. Logo, a mulher de que tratam as informações orais não seria ela, mas provavelmente a sua tia e sogra, a Sra. Joanna Gomes de Oliveira Amorim, que faleceu em 3 de abril de 1894 e está sepultada em Martins-RN. Um dos motivos

que faz acreditar nessa hipótese é que, conforme a caderneta de notas da Sra. Evarista, na qual ela anotava os nascimentos e batizados dos filhos, o último batizado antes de se mudarem da Fazenda Tesoura data de 1896. Portanto, dois anos após a morte da Sra. Joanna. Para reforçar isto, esse último batizado se dá na Fazenda Sacramento e não na Tesoura. Isto poderia ser um indício de que, em 1896, a família estava deixando a Fazenda Tesoura e as lembranças da suposta tragédia.

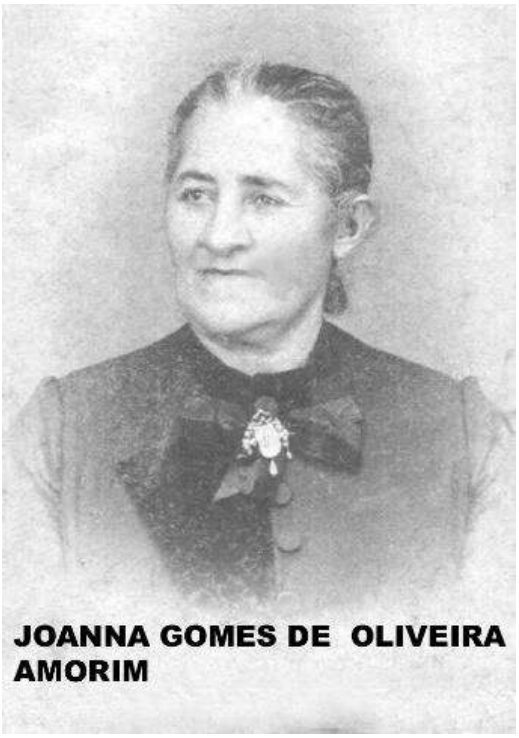


Figura 34: Joanna Gomes de Oliveira Amorim. Fonte: Acervo Alano Martins.

A importância socioeconômica da Fazenda Tesoura foi diminuindo gradativamente, sem os seus proprietários originais, passando a ser administrada por prepostos dos proprietários. Finalmente, após a construção da capela de Francisco Dantas, em 1927, e já com um local específico para as cerimônias religiosas, não deveriam ser as celebrações em outros locais, mas em solo sagrado.

A Fazenda Tesoura ainda continuava como importante rota de pouso, no percurso que ligava a zona rural do município à cidade de Pau dos Ferros-RN. Daquela época, o Sr. Antônio dos Santos Fidelis, gravado em vídeo em 2024, na cidade de Francisco Dantas, quando ele tinha a idade de oitenta e dois anos, que residiu na Fazenda Tesoura durante a infância e parte da juventude, lembra que mantinha sempre um pote cheio de água fresca na janela, para matar a sede dos viajantes. Contudo, após a construção do Açude Público, o antigo caminho que passava em

frente à casa-grande e que, durante séculos, ligou a comunidade do Engenho a Pau dos Ferros, deixou de existir. A estrada foi realocada para desviar do barramento do açude. Esse evento colocou definitivamente a Fazenda Tesoura no "ostracismo" em termos de relevância. Ela continua lá, com a casa-grande desafiando o tempo, apesar de maltratada por ele e merecendo ser reconhecida como patrimônio do município, pela sua permanência, pela sua imponência singela, pelo que representa para a história da região.

Os valores históricos e arquitetônicos podem ser colocados em relevo, uma vez que não se dispõem de documentos e registros históricos para que seja recuperada a sua narrativa, como se ela precisasse ser resgatada e devolvida à comunidade onde se insere, pela sua importância, trabalho que ainda poderá ser desenvolvido pela municipalidade.

Referências:

ALBERNAZ, M. P. e LIMA, C. M., 2003. Dicionário Ilustrado de Arquitetura. 3ª ed. São Paulo: Proeditores.

BRAGA, R., 1976. Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará. 3ª ed. Fortaleza/Mossoró: Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Coleção Mossoroense.

CASCUDO, L. C., 1972. Uma história da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto.

LIMA, M. J., 1995. Martins. Natal: Coleção Mossoroense- Coleção Humanas Letras, v. 852.

LYNCH, K., 1997. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes.

MARTINS, A. J. D. A., 2023. História do Município de Francisco Dantas-Aspectos Históricos, Geográficos e Sociais. Natal: Gráfica Sul.

Portal do Governo do Rio Grande do Norte, 2024. Portal do Governo do Rio Grande do Norte. [online] Disponível em: http://m.gov.br [Acesso em 18 mar. 2024].

SANTOS, T., BUCO, C. e BESERRA, R. T., 2017. Diálogos Interdisciplinares na Capela da Mata Fresca (Aracati, Ceará, Brasil): Arqueologia, Arquitetura e História. O Ideário Patrimonial, (09), pp. 71-101.

Tipos de Portas: um guia definitivo, 2022. [online] InstaCasa. Disponível em: http://instacasa.com.br [Acesso em 18 mar. 2024].

VASCONCELLOS, S. de., 1979. Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos. 5ª ed. Belo Horizonte: UFMG.